

A vivência da espiritualidade cristã em tempos de contradição à luz do realismo zubiriano

*The experience of Christian spirituality in contradiction time
considering Zubirian realism*

*Rodrigo José Arnosó Santos**

Resumo: A Igreja presente no mundo contemporâneo é chamada a exercer uma importante tarefa de evangelização. Inúmeras são as formas de se realizar tal serviço, porém neste nosso trabalho queremos indicar o caminho da vivência de uma espiritualidade que nasce a partir da *lex orandi*, experimentada pela comunidade eclesial. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, que trata da vida litúrgica da Igreja, exorta a comunidade cristã a encontrar na liturgia uma fonte de espiritualidade, para a vivência autêntica do seguimento de Cristo. Este importante documento eclesial, nos ajuda a entender que os gestos, palavras e os sinais sensíveis da liturgia são caminhos que nos ajudam a viver uma espiritualidade, que nasce a partir da realidade em que nos encontramos inseridos. Desse modo, celebramos a fé a partir de contextos concretos, que nos despertam para um compromisso com a transformação de todas as realidades, que não estejam em sintonia com os princípios evangélicos. Por isso, nos deixando guiar pelo conceito de realidade que encontramos na obra do pensador espanhol Xavier Zubiri, o que intentamos é propor uma reflexão que nos ajude a pensar uma espiritualidade litúrgica, capaz de engendrar relações de fraternidade. Em um mundo marcado por tantas realidades que destroem às páginas dos evangelhos, indicamos, sem presunção os caminhos do diálogo e do encontro entre as pessoas, como uma realidade possível e pertinente para a construção de uma cultura pautada pela fraternidade e respeito às diferenças.

Palavras-chave: Diálogo; Espiritualidade; Igreja; Liturgia; Realidade.

Abstract: The Church present in the contemporary world is called to carry out an important task of evangelization. There are countless ways to carry out such a service, but in this work we want to indicate the path of living a spirituality, which is born from the *lex orandi*, experienced by the ecclesial community. The Conciliar Constitution *Sacrosanctum Concilium*, which deals with the liturgical life of the Church, exhorts the Christian community to find in the liturgy a source of spirituality, for the authentic experience of following Christ. This important ecclesial document helps us to understand that the gestures, words and sensitive signs of the liturgy are paths that help us to live a spirituality that is born from the reality in which we find ourselves inserted. In this way, we celebrate faith based on concrete contexts, which awaken us to a commitment to the transformation of all realities, which are not in line with evangelical principles. In a world marked by so many realities that destroy the pages of the

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Liturgia e Inteligência Senciente. Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico di Roma, Ateneu Sant' Anselmo. Leciona nas áreas de Teologia Sacramental e Liturgia no ITESP - Instituto São Paulo de Estudos Superiores e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Instituto Pio XI.

E-mail: rja.santos@itespteologia.com.br

gospels, we indicate, without presumption, the paths of dialogue and encounter between people, as a possible and relevant reality for the construction of a culture guided by fraternity and respect for differences.

Keywords: Dialogue; Church; Spirituality; Liturgy; Reality.

Introdução

A Igreja presente no mundo contemporâneo, marcado por substanciais transformações é sempre chamada à luz do Espírito Santo, a rever e a reprojeter a sua ação missionária. Como nos afirma a *Evangelii Gaudium* 52:

A humanidade vive neste momento um desenvolvimento histórico que podemos ver nos progressos que se produz em diversos campos. Se deve louvar os sucessos que contribuem ao bem-estar das pessoas, por exemplo no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Não podemos, todavia, esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vivem uma precariedade cotidiana funesta.

As muitas perguntas que se colocam a fé, faz com que a comunidade eclesial busque sempre novas formas de se fazer chegar a todos a mensagem do Evangelho, que se atualiza em meio aos contextos concretos que ela atinge. Toda a missão da Igreja, se realiza sob a força do Espírito Santo, que busca sempre tirar a comunidade eclesial de sua zona de conforto, a fim de que ela não perca o seu profetismo, diante da salutar tarefa de fazer acontecer o Reino de Deus. “O Espírito Santo é aquele que faz estremecer as estruturas que toca nos lugares mais profundos nossos. O Espírito vem como gesto de Deus que refunda a casa (cf. At 2,1-12). Ele é o sismógrafo do presente” (TOLENTINO, 2016, p. 49). Por isso, o humano é chamado a uma vida segundo o Espírito.

São muitos os modos que a Igreja se utiliza para alimentar a sua vida espiritual, porém, a que desejamos colocar em evidência neste nosso trabalho é a via da liturgia. A vida litúrgica da Igreja, deve ser expressão da *Ecclesia orans*, que peregrinando neste mundo, caminha dia a dia para um encontro definitivo com o Senhor. Na liturgia o Mistério Pascal é recordado e atualizado. Por intermédio dela, a Igreja encontra-se com o mistério que sustenta o seu fundamento e a envia para o trabalho de edificar um mundo novo. Por isso,

afirmar, com a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*, que a liturgia é cume e fonte da ação da Igreja significa ao mesmo tempo, tomar consciência de que a liturgia é também cume e fonte do agir ético de cada comunidade

cristã e de cada fiel individualmente, chamado pela própria liturgia a não esquecer os irmãos que estão em necessidade e todos aqueles que vivem situações de injustiça (BOSELLI, 2017, p. 164).

No caminho de reflexão, que por ora desejamos construir, nos impomos como tarefa, tendo diante dos olhos o realismo zubiriano, o pensar a vivência da espiritualidade cristã em tempos de contradição. A fé não é algo que nos anestesia, mas que nos coloca as mais pertinentes questões, a fim de que as respostas dadas as mesmas, possam ser geradoras de novos tempos, que indicam uma abertura ao Espírito, que tudo transforma. Pois, “é o Espírito Santo que nos leva; é ele que repousa como um fogo sobre cada um; é ele que atea o incêndio capaz de iluminar a história” (TOLENTINO, 2016, p. 49).

1 A espiritualidade cristã em tempos de contradições

Os discípulos de Jesus são chamados a viverem e testemunharem a fé em contextos concretos, onde muitas situações como a fome, a corrupção, a violência contra a pessoa, o trabalho escravo, as necropolíticas entre outras situações procuram ocultar a presença do Reino de Deus, que engendra a possibilidade da construção de novos tempos. Todavia, esta nova sociedade se dá a partir da vivência de uma utopia, que se faz necessária para que continuemos a caminhar. A fim de tocarmos o chão da história humana, *locus* onde Deus se revela e por meio do seu Espírito, continua a exortar a comunidade dos seguidores do seu Filho a permanecer fiel no serviço do anúncio-testemunho, que torna possível a concretização plena do seu Reino.

A Igreja deve lembrar hoje que seu anúncio cristão “não coincide exatamente com a proclamação de uma religião”, já que é uma mensagem de quem “não conhece outra coisa senão Jesus Cristo, e este crucificado” (1Cor 2,2). É uma mensagem de que não pretende impor, uma “ideologia religiosa”, mas convida o ser humano a colocar-se diante do Crucificado para decidir-se entre a responsabilidade ou a indiferença, a solicitude para com o sofredor e abandonado, para decidir-se entre acolhida ou fuga (PAGOLA, 2016, p. 53).

A busca pela construção do Reino, encontra as suas mais profundas raízes nas páginas dos evangelhos, que convidam a pessoa de fé a superar as mais variadas situações que contradizem a boa notícia que o cristão, pertencendo, pelo batismo a uma comunidade eclesial, é chamado a fazer ecoar pelas veredas do mundo. Deste ponto podemos já afirmar, que a vida cristã é construída por uma espiritualidade que tem como norte o mandamento do amor. Este

mandamento nos ajuda a entender a relação liturgia e pobres. Em uma de suas catequeses Bento XVI afirmou:

O amor pelos pobres e liturgia divina caminham juntos, o amor pelos pobres é liturgia. Os dois horizontes estão presentes em cada liturgia celebrada e vivenciada na Igreja, que por sua natureza se opõe à separação entre o culto e a vida, entre a fé e as obras, entre oração e a caridade pelos irmãos (BOSELLI, 2016, p. 171).

O Espírito é aquele que ilumina, dinamiza e motiva a comunidade eclesial a viver segundo os ensinamentos de Cristo. É ele a força motriz de toda a Igreja, que estando presente no mundo contemporâneo é chamada a continuar os passos de Jesus. A levar vida, onde ela é espezinhada e vedada a todos os homens e mulheres, que com Deus são convocados a continuarem a sua criação. Se o Espírito é a força animadora de toda a comunidade eclesial é possível afirmar que os discípulos de Jesus são animados por uma espiritualidade trinitária, que exige do cristão a vivência de experiências de conversão. “O mais urgente na Igreja hoje é a conversão a Jesus Cristo e ao seu Evangelho. Reconhecer nosso pecado e nossas incoerências, sem distrair-nos com triunfalismos vazios e passageiros” (PAGOLA, 2020, p. 65).

Através da Trindade somos admitidos a vida cristã, após mergulhamos na fonte batismal, que tão sabiamente foi definida por Santo Ambrósio como o útero fecundo da Igreja, local onde ela gera novos filhos para a fé em Cristo. A espiritualidade é para os cristãos, o caminho a ser percorrido com o escopo de se atingir o Reino.

A estrada que nos conduz ao encontro de novos tempos, nos faz deparar com muitas situações concretas, que nos fazem questionar cotidianamente, se de fato estamos vivendo os valores evangélicos, em vista de adentrarmos com os nossos antigos irmãos na fé, na terra onde corre leite e mel. Aqui temos o retrato de uma Igreja que caminha com os homens e mulheres de nosso tempo.

Até a realização do Reino – Esse caminhar com os homens e mulheres de hoje não é um caminhar cego sem meta. Ele se orienta para o Reino de Deus. Não nos esqueçamos de que nestes momentos, antes de ser instância moral e lugar de culto, a Igreja do Ressuscitado tem “responsabilidade da esperança” (J. Moltmann), pois é chamada a colocar no meio do mundo a esperança última a que está chamado todo ser humano (PAGOLA, 2020, p. 67).

A caminhada cristã se faz em meio as contradições da vida. Por isso, a Igreja nos oferece uma espiritualidade, que nos indica um norte, isto é, de onde partimos e onde devemos chegar.

Diante disto, podemos asseverar que a espiritualidade cristã não nos tira da realidade, mas nos faz inteligí-la e nos desperta para o papel que devemos exercer dentro dela. Neste ponto somos despertados a percepção de que as contradições, com as quais os cristãos se deparam na vivência da fé, não devem anestesiá-los, mas despertá-los para um pensar caminhos e ao mesmo tempo propô-los em vista de testemunhar uma busca cada vez mais saudável da vivência da fé. Pois, “a Igreja é, certamente, lugar de salvação, isto é, a comunidade onde se pode fazer a experiência da salvação que Deus oferece em Jesus Cristo” (PAGOLA, 2020, p. 68).

Na vivência da fé, segundo a espiritualidade cristã, somos exortados a nos revestirmos de um olhar de esperança, o qual nos lança na inquietante busca, por caminhos salutares de realização do Reino, mesmo que ideias contrárias ao evangelho, tentem nos abduzir com propostas, que nos tiram da realidade. A espiritualidade cristã só tem sentido quando, em meio as contradições alimentadas por uma sociedade que exclui, ela se ergue como profecia. Se apresenta como caminho possível para a construção de novos tempos. “A autenticidade da fé é reconhecível nos fiéis que a vivem. A verdade cristã não se impõe porque o magistério da Igreja a prescreve. O Evangelho atrai quando ele se inscreve na vida das pessoas que passam a testemunhá-lo” (PAGOLA, 2020, p. 69).

2 A liturgia como fonte de espiritualidade

O Concílio Vaticano II promoveu uma verdadeira virada copernicana na vida litúrgica, pastoral, teológica e espiritual da Igreja presente no mundo contemporâneo. Após quatrocentos anos do Concílio de Trento, onde a Igreja buscou defender-se das críticas dos reformadores, em relação as práticas cristãs, surge com força um movimento que pedia por mudanças nos modos de pensar a comunidade eclesial, de celebrar o Mistério Pascal e de construir a Teologia que fundamentava as suas práticas. O Vaticano II,

talvez numa tentativa de limitar seu alcance – como um concílio exclusivamente pastoral, mas precisamente porque se preocupou, antes de tudo, em renovar o anúncio do Evangelho; foi um concílio eminentemente teológico, e até mesmo um concílio cristológico importante (BÉGUERRIE; BEZANÇON, 2016, p. 43).

Por um ato de coragem e ousadia o papa João XXIII, convoca um Concílio, com a finalidade de motivar no seio da Igreja uma onda de reflexões com o intuito de renovar a sua ação missionária no mundo. O Vaticano II nasce como um apelo do Espírito, a uma Igreja que

precisava se abrir ao diálogo, a fim de ser questionada em suas certezas, com o escopo de aprofundar as suas bases. Neste tempo o mundo passava por crises e a Igreja, por meio da sua espiritualidade tinha por tarefa auxiliar a comunidade cristã a pensar. “O homem moderno em crise necessita conhecer uma Igreja que saiba acolher, escutar e acompanhar” (PAGOLA, 2020, p. 67).

A Igreja começou o seu processo de renovação refletindo sobre à sua vida litúrgica. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, foi o primeiro documento deste tempo novo que se descortinava para a comunidade eclesial. As linhas deste documento testemunham os anseios de uma Igreja que avaliou o seu modo de celebrar a liturgia, para prospectar ações litúrgicas capazes de promoverem uma verdadeira participação ativa, consciente, frutuosa e plena de todos os cristãos. Todo este movimento de renovação da vida litúrgica da Igreja, teve como pano de fundo, conduzir os membros da comunidade eclesial a uma consciência de que na liturgia os discípulos de Cristo devem encontrar uma salutar e inesgotável fonte de espiritualidade. Pois, a liturgia é “esta potência inaudita de um rio de vida na humanidade de Cristo ressuscitado” (CORBON, 2003, p. 52).

Para atingir este escopo, foi necessário que a Igreja fizesse à luz das Sagradas Escrituras, da Tradição e do Magistério eclesial a reforma e a renovação de sua *lex orandi*. A Igreja desde as suas primeiras horas pensou os seus *ritus et preces*. A história da liturgia registra momentos de avanços e retrocessos no modo da comunidade aproximar-se e celebrar o Mistério Pascal, onde à Igreja deve chegar e partir para a sua missão de anunciadora do Reino. “Jesus Cristo não é simplesmente uma verdade histórica em que acreditar, ou um exemplo moral a imitar, mas é o sacramento, o mistério a ser celebrado” (GRILLO, 2017, p. 44).

No processo de renovação e reforma da liturgia, um importante elemento a se considerar e que contribuiu para conduzir à comunidade cristã à consciência de que nas ações litúrgicas a Igreja deve encontrar a fonte da sua espiritualidade, foi o resgate da sua tarefa mistagógica. Através de *ritus et preces* o homem que celebra é conduzido ao coração do mistério. Desse modo, cada sinal, símbolo, palavra ou gestos na liturgia tem por escopo fazer com que a pessoa se deixe revestir do mistério celebrado e atualizado pela ação ritual. “A liturgia é o cume e a fonte primeira da fé, pois nela estão guardados todos os elementos constitutivos da fé cristã” (MARINI, 2018, p. 33)

A espiritualidade cristã é aquilo que motiva e alimenta a vida daqueles que vivem a experiência do discipulado de Jesus, através da pluralidade dos ministérios e ligados a um único corpo, por intermédio do sacramento do Batismo. Como nos ensina o próprio Vaticano II, a

vida espiritual da comunidade eclesial não se esgota na liturgia. Existem outros caminhos, como a piedade popular que auxilia no desenvolvimento e crescimento espiritual dos cristãos. Todavia, aqui reconhecemos o singular valor que a liturgia assume no processo formativo da vida cristã, pois ela através de sinais, palavras e gestos mistagógicamente conduz aquele que celebra ao coração do Mistério Pascal, que se atualiza em cada encontro celebrativo da comunidade. “As nossas celebrações são momentos nos quais como homens de desejo atingimos gratuitamente a água da vida (Cf. Ap 22,17)” (CORBON, 2003, p. 120).

Aquele que se aproxima do mistério, o faz de uma forma senciente. Nos aproximamos da realidade do mistério e por ele somos envolvidos através dos nossos sentidos. O pensador espanhol e estudioso da inteligência senciente Xavier Zubiri recorda: a realidade não é apreendida sencientemente de um só modo, mas de vários, e especialmente (para o nosso problema) desse modo de sentir que é sentir realidade em ‘para’ [hacia] (2011a, p. 133). Na ação litúrgica escutamos, tocamos, nos alimentamos, somos envolvidos pelo Mistério Pascal. Ele alimenta a nossa vida de fé e nos faz dar passos no processo do desenvolvimento de uma vida cristã consciente, plena e frutuosa. “Na liturgia o homem concentra o olhar, não em si, mas em Deus” (GUARDINI, 2017, p. 72).

A liturgia como fonte de espiritualidade é um frutuoso caminho, por intermédio do qual crescemos na consciência dos princípios que devemos viver como discípulos de Cristo. Por isso, precisamos registrar que as ações litúrgicas da Igreja não podem nos fazer viver como pessoas anestesiadas, apáticas ou fora da realidade. É papel delas nos lançar no campo do mundo, no qual entre muitas outras coisas somos chamados a viver a fé como profecia de novos tempos. “A liturgia é encarnada: se volta ao homem todo e toca os seus sentidos. É toda a pessoa, alma e corpo que é santificado por Deus, e é com todo o seu ser que a pessoa celebra e dá glória a Deus” (DESTHIEUX, 2017, p. 192).

Nas ações litúrgicas vivenciadas pela comunidade cristã devemos ser despertados, para ações que assumem como escopo banir as realidades que espezinham as páginas do evangelho, em vista da concretização plena do Reino de Deus. Fazer acontecer este Reino, não significa ocultar a diversidade, mas é viver a criatividade inspirada pelo Espírito, que nos convida a fazer florescer o novo, nas diferenças.

Diante da urgente necessidade de encontrarmos caminhos para melhor vivermos a liturgia como fonte de espiritualidade, o que por hora nos impomos é uma visita ao pensamento filosófico de Zubiri, mesmo que de modo sumário, com o escopo de em diálogo com este pensador, encontrarmos um caminho, que nos ajude a compreender as ações litúrgicas como

fonte e ápice de toda a vida cristã. Somos convidados a buscar as coisas do alto, mas sem sairmos da realidade, pois é nela que o mistério se revela e se atualiza.

3 O realismo zubiriano como um caminho para se repensar a vivência da espiritualidade cristã

A espiritualidade cristã tem como base a vida mesma de Cristo. Nele todos os membros da comunidade eclesial são chamados a se espelharem para viverem uma existência em sintonia com os valores evangélicos. Uma vida segundo a vida de Cristo, não é um contrapor-se ao mundo, mas é a explicitação de uma existência que se opõe as muitas atitudes humanas que espezinham a vida ou que criam um certo distanciamento entre fé e vida. O realismo crítico zubiriano, que deu origem ao conceito de inteligência senciente, nos ajuda a pensar um caminho de superação pelo hiato criado entre fé e vida. Como já apontamos acima, o homem que celebra, aproxima-se do mistério a partir da realidade e dos sentidos. A realidade é inteligida e sentida por ele. Por isso, Zubiri assevera: “inteligir é um modo de sentir, e sentir é, no homem, um modo de inteligir” (ZUBIRI, 201a, p. liv).

As páginas do Novo Testamento em muitas partes procuram ressaltar que Jesus passou pela vida das pessoas fazendo o bem, isto é, dando visibilidade aos que eram anônimos, reintegrando os que foram legados a marginalidade, acolhendo os que eram tidos como impuros. Estas e outras atitudes de Jesus tinham como fundamento a sua própria identidade, que encontramos descrita em Lc 4,16-18. Ele é o Filho de Deus revestido do Espírito, para anunciar o ano da graça do Senhor. Jesus entende, sente a realidade, para propor a sua transformação. Ele não buscou explicar as razões por exemplo de uma situação de enfermidade, mas sentiu a realidade da enfermidade, para propor um caminho de saída. A partir de Zubiri (2011b, p. 25) pode se afirmar: “o sentir humano é um sentir intelectual, é radicalmente impressão, é algo dado fisicamente”. Deste ponto, podemos afirmar que toda espiritualidade cristã nasce a partir da realidade. Pois a ação de Jesus é motivada por um estar no mundo, a fim de transformar as situações de morte, em realidades de vida. Por isso, o Espírito que anima o Filho de Deus é aquele que nos chama a superar todas as situações de indiferença, que coloca em xeque a concretização do Reino. Em Jesus “não há sentir e entender, mas tão somente intelecção senciente, intelecção impressiva do real enquanto real” (ZUBIRI, 2011b, p. 26). Três são os modos de apreensão da realidade, isto é, o primordial que se desdobra em outros dois modos: o de logos e o de razão.

A fé cristã deve ser vivida a partir da realidade onde os cristãos encontram-se inseridos. A realidade que nos cerca hoje, a partir do contexto latino-americano, sabemos que é marcada por muitas situações que não se encontram em sintonia com o evangelho. A miséria, a fome, a discriminação racial, o analfabetismo, as situações precárias de moradia, o descaso sanitário, entre outras situações, se apresentam à fé cristã como desafios a serem superados à luz de uma evangélica opção pelos mais abandonados e empobrecidos. Isto se dá, pois o cristianismo não se vive a partir de ideias, mas da apreensão da realidade que é o Cristo, fundamento primeiro da fé cristã celebrada e atualizada em cada ação litúrgica. Valeriano dos Santos Costa afirma: “celebrar é, pois, um processo de apreensão da realidade que como foi dito, se baseia na apreensão primordial e nos remete ao logos, enquanto movimento, e à razão enquanto marcha em busca da presença de Deus, que nos quer por inteiros” (2017, p. 214)

Estas situações reais clamam por mudanças substanciais, isto é, que testemunhem a presença transformadora do cristianismo no mundo. Pois a fé cristã não deve nos levar a viver apartados da realidade, mas nela inseridos e a partir dela pensar a nossa vida, para transformamos o real. Pois pela fé e celebração, “em Deus somos retidos e lançados nas profundezas do seu amor, pois nele nos movemos e existimos” (COSTA, 2017, p. 214).

A espiritualidade cristã vivida a partir da realidade, chama a nossa atenção para um compromisso concreto com a transformação das situações que procuram ofuscar a força do evangelho. O Cristo, que é o fundamento de toda a espiritualidade cristã, convoca toda a comunidade eclesial a uma experiência discipular. O discípulo no cristianismo, não é aquele que deseja ser maior do que o seu mestre, mas é alguém que aprendendo do mestre, com criatividade deseja anunciá-lo e comunicá-lo, segundo uma vida no Espírito, força motriz de toda a Igreja. Por isso, “celebrar é ato fundado na apreensão primordial de realidade e não, em si, ato afirmativo do pensamento, ou momento declarativo do que apreendemos primordialmente” (COSTA, 2017, p. 215).

O realismo crítico zubiriano nos ajuda a apreender à realidade e a inteligir porque ela fica impressa no homem, que é um animal de realidades. A realidade apreendida dá o que pensar. Desse modo, no contexto latino-americano o método ver, julgar e agir à luz do pensamento zubiriano nos ajuda a inteligir os caminhos da vivência de uma espiritualidade da libertação, isto é, que tomando o homem na sua integralidade, procura promover à luz da obra missionária de Cristo, uma integração da pessoa na sociedade, banindo do nosso meio as atitudes que ferem o sentido profundo do ser cristão. Pois como afirmará Zubiri “as coisas dão o que pensar” (ZUBIRI, 2011c, p. 24).

4 Um caminho que se descortina

O pontificado do Papa Francisco tem motivado, através de variados caminhos a busca por uma vida cristã em sintonia com o Evangelho. Tal insistência nasce do princípio de que não podemos viver a fé indiferentes à realidade que nos cerca. A fé deve ser vivida dentro de um tempo e contexto que sempre colocam aos membros da comunidade eclesial perguntas que devem nos fazer pensar respostas a partir das atitudes de encontro, escuta e discernimento. E “o pensar, pois não é algo primário; é consecutivo a inteligência primária” (ZUBIRI, 2011c, p. 70).

Um primeiro elemento que se impõe para a construção de uma espiritualidade verdadeiramente cristã está no deixar-se encontrar pela Trindade. Sabemos que Deus se revela a todos como ele é Uno e Trino e este mistério perpassa toda a história e por conseguinte a realidade onde fazemos a experiência de sermos redimidos e conduzidos ao amor do Pai. Nos últimos tempos vem se impondo ao cristão à necessidade de se construir uma espiritualidade do encontro, nas suas mais diversas facetas. O primeiro encontro é com o Deus Uno e Trino, que nos estimula a sairmos das nossas zonas de conforto, em vista de uma existência mais livre. Um segundo encontro seria com aqueles que nos cercam, evangelicamente chamados de nossos próximos. Neste encontro seremos interpelados pela intersubjetividade, pelo *alter*, que nos conduzirá ao confronto com a diversidade, que nos ajuda a pensar um outro possível modo de viver.

Dentro desta busca por uma espiritualidade do encontro ainda devemos falar do encontro conosco mesmo, como modo de inteligirmos qual é o escopo do nosso existir, isto é, o significado de estarmos neste mundo. E por último devemos falar do encontro com o cosmo. Hoje muito se afirma sobre a necessidade de pensarmos seriamente uma ecoespiritualidade. O encontro do humano com a casa comum pode produzir um processo relacional saudável ou um processo nocivo. Hoje mais do que nunca, faz-se necessário pensarmos relações, que nos ajudem a inteligir que a nossa relação com o cosmo, deve resgatar a nossa vocação de cocriadores, isto é, de pessoas chamadas a cuidar do criado, que Deus nos oferece gratuitamente.

Uma outra busca que se faz necessária no campo da espiritualidade cristã é aquela que nasce de uma atenta escuta, que nos exercita como povo de Deus, para a constante construção de uma Igreja capaz de dialogar. Escutar significa auscultar atentamente. A espiritualidade

cristã, nos convoca para auscultarmos o mistério que envolve a nossa existência. Tal escuta nos coloca em contato íntimo com aquele outro, a realidade plena que denominamos Deus.

Ainda nos cabe fazer referência a uma espiritualidade cristã, que nos ajuda a experimentar processos de discernimentos. As ações humanas que contradizem a fé cristã, devem nos conduzir a uma experiência de conversão. Existem alguns discursos no mundo contemporâneo, proferidos por cristãos que não se coadunam com a espiritualidade cristã. Podemos elencar aqui alguns temas, que nos ajudam a entender tal afirmação: o estímulo a violência, o armamento da população, a pena de morte entre outros temas endossados por alguns que se afirmam discípulos de Jesus Cristo, mas na verdade contribuem apenas para abafar a presença do Reino. A espiritualidade verdadeiramente cristã promove um discernimento, que nos ajuda a separar, dentro da realidade, o joio do trigo. Pois, “o encontro com Deus na liturgia precisa munir-se de elementos sacramentais que proporcionem uma apreensão da realidade, fruto de uma impressão de realidade que retenha a pessoa e a remeta ao Transcendente” (COSTA, 2017, p. 225).

A liturgia apresentada como uma fonte fulcral de espiritualidade cristã, deve motivar em nós um encontro verdadeiro com Deus. O que certamente fara surgir uma autêntica vida espiritual. Que nos ajudará, envolvidos na realidade vencer toda passividade, que nos impede de buscar de modo autêntico o Reino de Deus.

Conclusão

A vivência da espiritualidade cristã em tempos de contradição nos convida a uma mudança de mentalidade. Tal mudança pode ser definida como um processo de conversão pastoral. Por isso, se a nossa vida espiritual de fato nos conduz a optarmos verdadeiramente por Cristo, a nossa presença no mundo como homens e mulheres de fé, nos faz buscar a superação dos caminhos que nos fazem míopes diante das escolhas que devemos fazer como discípulos de Cristo, em vista do Reino.

O discipulado de Cristo exige do cristão um posicionamento diante de todas as situações que o interpela. A realidade dá sempre o que pensar. E como seguidores de Cristo, a realidade sempre deve nos ajudar a pensar como alcançamos o Reino de Deus. Este Reino não é uma ideia ou palavra vazia, mas uma realidade que todos somos chamados a acolher na fé.

Em tempos hodiernos faz-se urgente em vista da superação de um antigo hiato que estabelece um distanciamento entre fé e vida, a busca por uma espiritualidade, que alicerçada

em Cristo, nos faça ser fermento na sociedade. Semeadores de paz, profetas de esperança, promotores de vida e construtores de novos tempos. Homens e mulheres que encontram na liturgia uma fonte de espiritualidade.

Referências

BÉGUERIE, Philippe; BEZANÇON, Jean- Noël. **A missa de Paulo VI**. Retorno ao coração da Tradição. São Paulo: Paulus, 2016.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CORBON, Jean. **Liturgia alla sorgente**. Magnano: QIQAJON, 2003.

COSTA, Valeriano dos Santos. Inteligência senciente e liturgia. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo: PUC-SP, n. 90, 209-233, jul./dez. 2017.

DESTHIEUX, Pascal. **Vivere il silenzio nella liturgia**. 1. Ed. Cinisello Balsamo, 2017.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

GUARDINI, Romano. **O Espírito da Liturgia**. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

GRILLO, Andrea. **Ritos que educam: os sete sacramentos**. 1. ed. Brasília: CNBB, 2017.

MARINI, Piero. **Presidir a celebração da Eucaristia: ars celebrandi**. Brasília: Edições CNNB, 2018.

PAGOLA, José Antônio. **Anunciar Deus hoje como boa notícia**. Petrópolis: Vozes, 2020.

TOLENTINO, José. **A mística do instante: o tempo e a promessa**. São Paulo: Paulinas, 2016.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011a.

_____. **Inteligência e Logos**. São Paulo: É Realizações, 2011b.

_____. **Inteligência e Razão**. São Paulo: É Realizações, 2011c.